

FERREIRA, Francirosy Campos B. *Olhares femininos sobre o Islã: etnografias, metodologias, imagens.* São Paulo: Editora HUCITEC, 2010, 287 p., ISBN 978-85-7970-025-5

A coleção de ensaios organizada pela antropóloga e pesquisadora Francirosy Campos Barbosa Ferreira, estruturada em onze artigos e três ensaios fotográficos, nos apresenta uma abordagem que destaca as singularidades de homens e mulheres enquanto praticantes de uma religião, o Islã, para, a partir disso, propor uma viagem na subjetividade que envolve o olhar e as experiências das pesquisadoras que se debruçam sobre essa temática, tornando a questão de gênero explícita e proposital e o trabalho etnográfico um momento especial de reconstrução. Sua proposta é “*investigar o modo como mulheres vêm estudando mulheres*” (p. 233).

Os três primeiros artigos são extratos dos trabalhos de pós-graduação de três antropólogas que se dedicaram ao estudo das etnografias de grupos de imigrantes de três diferentes cidades brasileiras. Cláudia Espínola nos faz conhecer um pouco da etnografia de um grupo de imigrantes árabes de primeira e segunda geração de muçulmanos de Florianópolis. A autora ressalta que o objetivo do texto é levantar algumas reflexões sobre o desenvolvimento da pesquisa de campo, e esse é um dos méritos do artigo que explora o contexto da pesquisa de campo tanto do ponto de vista da pesquisadora quanto do grupo abordado. Cláudia deixa claro que tanto o andamento quanto o resultado de seu trabalho teriam sido diferentes se tivessem sido desenvolvidos por um “pesquisador”. Após uma natural resistência, dada a peculiaridade cultural do grupo pesquisado, a autora destaca que o fato de ser uma “pesquisadora” propiciou sua circulação entre homens e mulheres, possibilitando romper alguns limites inicialmente impostos por ambos.

Sônia Cristina Hamid, que no segundo artigo nos apresenta sua etnografia com mulheres palestinas em Brasília, também destaca que ser uma “pesquisadora” influenciou no tipo de informação concedida e na forma de interação estabelecida com as mulheres da comunidade. A autora teve o objetivo específico de apreender como essas mulheres percebem a si mesmas e às outras, e como constroem suas identidades em um contexto ocidental – brasileiro – absolutamente divergente do qual se originaram. A compreensão de como essas mulheres se percebiam estava atrelada à questão política da Palestina. As informações obtidas na pesquisa de campo foram influenciadas não só pelo fato de Sônia ser mulher, mas também pela cobrança de uma posição política em relação à “Causa Palestina”, por ser ela própria descendente de palestinos muçulmanos.

No terceiro artigo, Gisele Fonseca Chagas propõe-se a discutir os processos pelos quais são construídas as identidades religiosas de uma comunidade de muçulmanos convertidos do Rio de Janeiro. Para tanto, a autora destacou dois pontos

para discussão: a análise das formas pelas quais os muçulmanos são socializados na fé islâmica e a análise dos efeitos produzidos pelo uso do *hijab*. Desta feita, apesar da pesquisa abranger questões tanto do universo feminino quanto masculino, pois o uso do *hijab* pelas mulheres tem implicações para ambos os sexos, a pesquisadora conduz as perguntas e respostas de forma a obter o relato sobre a maneira pela qual as mulheres praticam sua religiosidade. Nesse caso, a opção pelo uso do véu significa não só conhecimento e obediência às normas islâmicas, mas também sinal de status.

No quarto artigo, novamente nos deparamos com a questão da mulher como pesquisadora e como isso influenciou na pesquisa de imigrantes muçulmanos libaneses pertencentes a uma comunidade localizada em São Bernardo do Campo. Após constatar a diferença do impacto da experiência de imigração entre homens e mulheres, Márcia Zaia opta por concentrar seu trabalho nas mulheres. Utilizando-se da Psicologia Intercultural como referencial teórico, a autora discute o uso do véu como atitude “intrínseca” diante da própria religiosidade dessas mulheres. No Brasil, o uso do véu não estaria ligado a uma pressão do grupo social, mas representaria uma forma de reafirmação da etnicidade com forte impacto diante da família e da sociedade local. Igualmente ao que já havia sido constatado no artigo de Gisele Chagas, o véu assume várias implicações sociais, políticas e religiosas. Vivendo uma situação intercultural as imigrantes libanesas deparam-se com dois aspectos fundamentais: o envolvimento com a cultura receptora e a manutenção da própria cultura. Ao tentar viver em uma nova realidade de pluralidade religiosa como o Brasil, o artigo deixa claro que pessoas cuja religião está totalmente vinculada ao cotidiano necessitam participar de grupos que compartilhem a mesma identidade. Isto faz com que se sintam parte de um “*todo coerente e dotado de sentido*”, como afirma a própria Gisele.

A seguir, Cristina Maia de Castro procura traçar paralelos entre sua experiência vivida em Campinas e em São Paulo com sua experiência vivida na Holanda. A metodologia da pesquisa envolve a observação participante e a aplicação de entrevistas. A autora observa que com o método de observação participativa a pesquisa de campo torna-se menos suscetível a moldagens de acordo com as crenças e expectativas do pesquisador. Este posicionamento faz sentido se assumimos que todo saber é situado, devedor do tempo e do espaço, e que a pesquisa de campo sofre ainda a influência do próprio pesquisador através do viés cultural e de gênero tanto na formulação de suas perguntas quanto na interpretação das respostas. Cristina Maia vai além ao assumir que a questão da mulher no Islã é permeada de interesses políticos, o que nos remete à questão de que nenhuma ação está isenta de implicações políticas, e isso abrange tanto o espaço público quanto o espaço privado, este reservado quase que exclusivamente a essas mulheres muçulmanas.

No sexto capítulo da coletânea, a socióloga Vera Lúcia Maia Marques tece um relato sobre as experiências vividas por ela no seu campo de pesquisa. Tendo como foco de análise a comparação de práticas religiosas e culturais dos convertidos ao Islã no Brasil e em Portugal, a autora relata que todo o seu percurso etnográfico foi voltado na tentativa de conhecer o “outro” como objeto de estudo, a partir da percepção que qualquer objeto de estudo é algo em construção que pressupõe negociações com “graus de alteridade” entre pesquisa e pesquisador, relação dialógica entre entrevistador e entrevistado, sabendo equilibrar as teorias que iluminam as análises com a riqueza das situações vivenciadas na pesquisa de campo. Dos relatos da pesquisadora o destaque é dado a sua estadia em Portugal para concluir sua tese de doutorado, momento em que começou a se perceber como objeto de sua própria pesquisa – não era muçulmana, nem portuguesa, e era mulher. Ao perceber que o fato de ser brasileira não agradava a todos, começou a procurar o significado do “ser brasileira”. Assim, Vera Lúcia conclui que a mesma diferença que pode levar a uma interatividade com o pesquisado pode levar, também, à desconfiança, chegando mesmo à hostilidade.

No sétimo capítulo a historiadora da Unifesp Samira Adel Osman nos contempla com uma análise sobre a preservação das práticas culturais nos processos migratórios e como isto ocorre em relação à transmissão desses valores ao longo das gerações. Seu objeto de estudo foi a análise das práticas religiosas muçulmanas de membros da comunidade muçulmana libanesa que se estabeleceu em São Paulo a partir da década de 1950, e de membros que retornaram ao Líbano a partir da década de 1990. A metodologia utilizada foi a história oral de vida a partir de entrevistas que tinham por objetivo compreender aspectos no âmbito religioso, geracional e etário, buscando convergências e divergências dentro do mesmo grupo no que se refere à religião muçulmana e a efetivação de suas práticas, na imigração e no retorno. Discutindo os significados e práticas de ser muçulmano no Brasil ou no Líbano, a partir de três gerações, no que tange ao reconhecimento da importância da transmissão dos valores ou sua flexibilização, a pesquisadora dá destaque ao uso do lenço por parte das mulheres considerando-o o aspecto mais polêmico da adesão religiosa. Assim, entre a imigração e o retorno, a pesquisadora conclui que a religião é um dos aspectos mais contundentes do processo de adaptação, tanto no país receptor, para manter os valores culturais e a identidade, quanto no retorno, que implica em um novo ajustamento como fator de reinserção na comunidade.

Giselle Guilhon, professora e pesquisadora do Instituto de Ciências da Arte da UFPA, no artigo “Todos os caminhos levam a Meca”, trabalha a sensibilidade de uma busca de compreensão interior no processo de pesquisa, que ela denomina de “etnografia subjetiva”, ou uma “viagem” sem deslocamento, demonstrando a importância da compreensão das transformações interiores que resultam de um

projeto de pesquisa. Pretendendo estudar o *Sama*, a cerimônia dançante dos dervixes ou sufis da Ordem Mevlevi ou Ordem dos Dervixes Giradores, a pesquisadora explica como suas motivações foram se construindo. Fazendo um minucioso relato de sua experiência com a escola *tariqat* Naqshbandi para apreender o conhecimento do que é o Sufismo, a autora continua seu relato sobre as obrigações dos peregrinos que chegam a Meca com a intenção de fazer o caminho sagrado até a Mesquita Haram. Partindo da concepção de que essa peregrinação é um momento de purificação e sacralização, a autora passa a fazer considerações sobre as visões que o mundo tem sobre as divisões do Islamismo no tocante a escolas e credos. No entanto, para ela o conflito mais fundamental do Islã consiste na divisão entre os que se apegam à letra da lei islâmica, a *Shariah*, os fanáticos religiosos, e os que se apegam a seus valores interiores, *Haqiqat*, os místicos islâmicos. A ponte que possibilita a compreensão entre a *Shariah*, aspecto exotérico da religião de caráter particular e cíclico, e a *Haqiqat*, o seu aspecto esotérico, essência universal e transcendente do elemento formal, é o Sufismo.

No capítulo 9, a antropóloga Francirosy Campos Barbosa Ferreira, mentora dessa coletânea, explica como, a partir da experiência de construção de sua tese de doutorado, se propôs a investigar a relação entre o feminino e o masculino na religião islâmica, os temas relacionados à mulher islâmica, enfim, aspectos desse universo que em sua avaliação acabam caindo em estereótipos que envolvem a construção desse feminino. Sua abordagem privilegia não apenas a produção acadêmica de pesquisadoras sobre o Islã, mas também o “não dito”, o não revelado no texto, que também constitui o resultado do encontro estabelecido entre pesquisador e pesquisado. Por isso, o objeto primeiro de sua pesquisa é “*transformar antropólogas em 'objetos', pesquisar suas teorias e metodologias, para saber se essas mesmas interrogações interpelam seus itinerários e de que forma lidam com essas e outras questões*”.

Essa pesquisa leva a autora a algumas conclusões, tais como: a condição de ser mulher faz diferença em qualquer contexto de pesquisa; como a experiência de campo, com suas dificuldades e possibilidades, pode mudar o percurso da análise; mas, fundamentalmente, sua grande preocupação foi o modo como essas pesquisadoras articularam as questões de gênero observadas em campo, tanto em relação à sua própria atuação quanto em relação às mulheres muçulmanas pesquisadas. Como falar do outro é também falar de si mesmo, Francirosy deixa clara a sua preocupação da necessidade de uma reflexão crítica sobre a produção que vem sendo construída no Brasil sobre o Islã, pensando também as questões de gênero que permeiam esse universo e a especificidade da produção etnográfica realizada por mulheres. A partir disso, a pesquisadora nos fornece alguns exemplos de outras pesquisadoras que se debruçaram sobre a questão que faz parte de suas reflexões.

No capítulo 10, Kelen Pessuto amplia as reflexões sobre o universo feminino no Islã apresentando um artigo que trabalha a herança do Zoroastrismo no Irã e como isso é representado no cinema, especificamente na produção do “cinema diferente”, voltado para a temática humanista com forte influência do neorealismo italiano. Partindo da temática apresentada no filme *O Balão Branco*, de Jafar Panahi, a pesquisadora nos brinda com uma suave explicação sobre as tradições do Zoroastrismo no Irã e seu convívio pacífico e institucionalizado, em uma sociedade eminentemente islâmica, que também compreende as influências recebidas da religião de Zaratustra.

No capítulo 11 Bianca Tomassi nos oferece um esboço sobre a reflexão da questão corporal e da sexualidade no Islamismo. De sua breve exposição fica a interessante reflexão sobre a purificação do corpo como forma de atingir a purificação espiritual. Daí a sacralidade do corpo, e por extensão a sacralização da sexualidade, respeitando as forças biológicas com as quais devemos aprender a lidar e que no Islã se constitui em mais uma forma do ser humano ligar-se ao sagrado e à própria natureza.

Finalizando a coletânea, temos ainda uma oportunidade de visualizar imagens que completam as reflexões propostas. Assim, a antropóloga Sylvia Caiuby Novaes nos brinda com um ensaio fotográfico que reproduz cenas de um casamento no Paquistão, em 1994, lembrando que a fotografia não apenas registra, mas também constrói memória. Com Patricia Soto Osses e Isabel Novaes de Medeiros podemos vislumbrar através das imagens de mesquitas no Brasil a beleza estética e ritual desses espaços sagrados.

A reunião dessas obras certamente contribui para que se amplie a reflexão sobre o mundo islâmico, mas fundamentalmente incita a uma sensibilidade em relação ao segmento feminino, não apenas das pesquisadas, mulheres islâmicas brasileiras ou não, de primeira geração ou não, mas também das pesquisadoras que com seu olhar acadêmico podem “encobrir” o que deveria ser desvelado. Esta coletânea se esforça para pensar sobre essa questão demonstrando empiricamente sua relevância acadêmica.

Angela Maria Lucas Quintiliano
angela.quintiliano@gmail.com

Cristina Angelini Melchior
*cristinamelchior@uol.com.br**

* Mestres em Ciências da Religião pela PUC-SP.